

Boletim da GEDEC - Ano VI nº 020 30/05/2011 - Fone: 3340 3081

Cotação de Preços (30/05/10)	R\$	Recortes
Feijão Carioca <sup>1</sup> - R\$ 90,00 a R\$ 100,00/ sc de 60 kg	→	<p><b>Evolução da produtividade do milho no Brasil.</b> A cultura do milho vem alcançando ganhos fantásticos de produtividade nestes últimos anos, no Brasil. Principalmente, nestas duas ou três últimas safras, a cultura do milho, experimentou um novo patamar de produtividade, só antes alcançado por países considerados desenvolvidos e detentores de alta tecnologia, a exemplo dos Estados Unidos. Hoje, no Brasil, é comum encontrarmos produtores com médias acima de 10.000 kg/ha e até 12.000 kg/ha, chegando a patamares de 15.000 kg/ha <b>Fonte: Agrolink</b></p>
Milho <sup>2</sup> - R\$ 23,00 / sc de 60 kg	↑	
Soja <sup>2</sup> - R\$ 42,50 / sc de 60 kg	↑	
<b>HORTALICAS<sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</b>		<p><b>Falta de investimento em pesquisa ameaça hegemonia brasileira em etanol da cana, dizem especialistas .</b> O Brasil pode perder o domínio na tecnologia de produção de etanol devido à falta de investimento em novos meios para retirar álcool do bagaço e da folhagem da cana-de-açúcar. É o que defendem especialistas ouvidos pela Agência Brasil. De acordo com eles, outros países avançam na pesquisa com álcool que tenha origem na celulose e biocombustível, ao mesmo tempo em que cresce a presença de empresas estrangeiras no setor <b>Fonte: Agência Brasil</b></p>
Alface - R\$ 6,00 / cx de 7 kg	↓	
Beterraba - R\$ 18,00/ cx 20 kg	↓	
Cenoura - R\$ 11,00 / cx 20 kg	↓	
Chuchu - R\$ 11,00 / cx 20 kg	↓	
Couve Manteiga - R\$ 0,50 / (maço 500 g)	→	
Couve Flor - R\$ 18,00 / Dz	↓	
Mandioca - R\$ 15,00 / cx 20 kg	→	
Morango - R\$ 6,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)	↓	
Pimentão - Campo R\$ 10,00; Estufa R\$ 12,00 / cx 12 kg	→	
Quiabo - R\$ 35,00 / cx 12 a 14 kg	→	
Repolho - R\$ 11,00 / sc 20 kg	↓	
Tomate - R\$ 42,00 / cx 20 kg	↑	
<b>FRUTICULTURA<sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</b>		<p><b>Biocombustível reforça segurança alimentar .</b> O investimento em biocombustível pode ajudar a aumentar a segurança alimentar nas economias rurais ao estimular a criação de empregos e elevar a renda. O debate a respeito do uso de terras agrícolas para a produção de combustíveis "verdes" se intensificou neste ano, depois que os preços dos alimentos atingiram recordes de alta em fevereiro <b>Fonte: DCI - Diário do Comércio &amp; Indústria</b></p>
Goiaba - R\$ 40,00/ cx 20 kg	↑	
Maracujá - R\$ 1,20 / kg	↑	
Tangerina Ponkan - R\$ 18,00/ cx 20 kg	→	
Limão - R\$ 11,00 / cx 20 kg	→	<p><b>Clima impulsiona alta do preço do milho .</b> As cotações do milho voltaram a registrar ligeiras altas na maioria das regiões produtoras e consumidoras do Brasil, de acordo com pesquisas do Centro de Estudos e Pesquisa em Economia Aplicada (Cepea). A sustentação vem de preocupações com o clima no País e também do aquecimento da demanda mundial. A retomada da procura pelo produto foi favorecida pelas baixas nos preços observadas nas últimas semanas <b>Fonte: DCI - Diário do Comércio &amp; Indústria</b></p>
<b>PECUÁRIA</b>		
<b>Bovino</b>		
Arroba <sup>4</sup> - R\$ 88,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado	→	
Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados) <sup>5</sup>	→	
- R\$ 750,00	→	
<b>Leite</b>		
Litro <sup>6</sup> - Pro-Leite: R\$ 0,75 ; Fora do Pro-leite: R\$ xxx	→	
Extra Cota: R\$ xxx	<b>Frete: R\$ 0,07/L</b>	
Suínio <sup>7</sup> - Vivo	↓	
Kg - R\$ 2,44	↓	
<b>Aves<sup>7</sup> - Frango Vivo</b>		
Kg - R\$ 1,65	→	
<b>-- Galinha Caípira<sup>8</sup></b>		
Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 25,00	→	
<b>Carneiro<sup>9</sup></b>		
Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,50; Kg R\$ 2,50	→	
ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 6,80	→	
<b>Peixe<sup>10</sup> (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</b>		
Kg - R\$ 2,70 a R\$ 3,10	xx	
<b>Avestruz<sup>11</sup> - vivo</b>		
Kg - R\$ xxx	xx	
		<p><b>Vendas de fertilizantes dispararam em abril .</b> Impulsionada por uma das mais rentáveis colheitas de verão de todos os tempos no país, a demanda doméstica por fertilizantes confirmou as expectativas das empresas do segmento e disparou em abril. Conforme a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), as entregas das misturadoras às revendas somaram 1,4 milhão de toneladas, quase 24% mais que no mesmo mês do ano passado, e reforçaram as perspectivas de que um novo recorde histórico anual poderá ser batido em 2011 <b>Fonte: Correio do Estado.</b></p>

**FONTES:** <sup>1</sup> CORREPAR; <sup>2</sup> COOPA-DF; <sup>3</sup> CEASA-DF; <sup>4</sup> AFE / FNP; <sup>5</sup> SR EZIO - Padre Bernardo; <sup>6</sup> COPAS; <sup>7</sup> ASA ALIMENTOS; <sup>8</sup> CHAC . FELICIDADE; <sup>9</sup> LM; <sup>10</sup> SAN FISH; <sup>11</sup> COCAPLAC (p/Associado). **Varição em relação à semana anterior** ↑ (alta) → (estável) ↓ (baixa)

(\*) Não incluso Frete + Imposto

## Estudo vê poder de mercado moderado

A estrutura da cadeia de produção da carne bovina no país se aproxima de um oligopsônio (número pequeno de compradores), mas o poder de mercado dos frigoríficos sobre os pecuaristas é moderado e não aumentou nos anos recentes, apesar da maior concentração no setor. Essa é a conclusão de estudo "O Oligopsônio dos Frigoríficos: Uma Análise Empírica de Poder de Mercado", do pesquisador Rodrigo Moita, do Insper, e da aluna de mestrado do instituto, Lucille Golani.

O estudo analisou a cadeia de carne bovina em São Paulo e avaliou se há poder de mercado utilizando informações sobre a produtividade marginal do boi gordo e dados mensais de preços por um período de 14 anos no Estado. Um dos objetivos dos pesquisadores foi mostrar se o aumento recente da concentração no setor de frigoríficos alterou o padrão de concorrência do setor.

Para testar a existência de poder de mercado, os pesquisadores usaram um modelo econométrico, contendo variáveis como preços mensais da carne de traseiro no atacado, preços mensais do boi gordo e estimativas sobre a produtividade do boi e a elasticidade-preço da oferta de matéria-prima.

A análise da cadeia produtiva mostrou que os produtores rurais - que fornecem bois - são muitos e distribuídos pelos principais Estados produtores. Os frigoríficos, por seu lado, são grandes e poucos e concentram suas plantas nos Estados produtores de bovinos e em São Paulo, maior mercado consumidor. Essas são características de uma estrutura de oligopsônio.

Utilizando preços mensais levantados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) entre julho de 1994 e dezembro de 2008 no Estado de São Paulo, os pesquisadores estimaram o que chamam de "modelo de conduta oligopsônica" no mercado. "Os resultados mostram forte evidência de poder de mercado moderado. Apesar de ter uma estrutura com potencial para o exercício de poder de mercado, os resultados mostram poder de mercado compatível com um oligopsônio. (...) Além disso, não identificamos um aumento do poder de mercado em anos recentes. O que indica que a onda de fusões e aquisições no setor frigorífico não teve reflexo na conduta das firmas", escrevem.

De acordo com Rodrigo Moita, o estudo mostrou semelhança entre o ritmo de alta do boi gordo e da carne durante o período analisado. "Imaginávamos um crescimento do preço da carne maior que o do boi gordo", disse. "Acreditávamos que haveria alguma distorção", reitera Lucille, cujo pai, pecuarista, sempre se queixou da relação comercial com os frigoríficos.

Segundo Moita, a expectativa era que "com a maior concentração do setor, o frigorífico obrigaria o produtor de gado a vender [animais] por preços mais baixos". Uma hipótese, diz o pesquisador, é que isso não ocorreu porque o setor buscou se preservar já que tinha sido alvo de investigação por formação de cartel e de processo no Cade. Outra razão para as margens do frigorífico não mostrarem crescimento, afirma ele, é o aumento da competição entre os grandes frigoríficos.

Lucille admite que a falta de dados semelhantes em outros Estados restringiu a pesquisa a São Paulo. Moita avalia que o resultado do estudo não seria muito diferente se considerasse outros Estados produtores de carne bovina porque São Paulo é uma região formadora de preços, portanto, relevante.

Ainda que o estudo não considere dados dos últimos dois anos, quando a concentração no setor se acirrou, Moita não acredita em alterações no resultado apontado pelo estudo. "O que se observou até 2008 é que o aumento da concentração não teve efeito no poder de mercado. Se seguir essa tendência que o estudo aponta, não deve haver alteração no cenário", conclui.